

DOENÇA RENAL POLICÍSTICA EM GATO PERSA - RELATO DE CASO

GABRIELLE OTT MARTINS¹; MÍRIAN BRETANHA COUTO²; JOANA DE BAIRROS NERIS³; VITÓRIA RAMOS DE FREITAS⁴; MARLETE BRUM CLEFF⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielleottmartins @outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas- mirianbretanhacouto @hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jdebairrosneris@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vitoriarfreitass@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – marletecleff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A doença renal policística (DRP) é uma doença de caráter hereditário autossômico dominante caracterizada pelo desenvolvimento de cistos no parênquima renal que podem levar à insuficiência renal crônica devido a destruição e compressão do parênquima (SILVA e MONTEIRO, 2016). A doença acomete principalmente gatos Persa e outras raças originadas a partir do cruzamento dos mesmos (CARVALHO et al., 2017), entretanto, há relatos da doença em gatos sem raça definida (SILVA e MONTEIRO, 2016).

Os cistos possuem tamanhos variados, podendo medir de milímetros a centímetros. Estes podem se desenvolver em animais jovens, mas os sintomas, em geral, somente irão aparecer entre três e dez anos de idade, quando a doença se encontra em estado mais avançado e os cistos estão maiores, fazendo a compressão do parênquima renal (SILVA e MONTEIRO, 2016). Os animais que apresentam rins policísticos podem manifestar sinais relacionados à doença renal como poliúria, polidipsia, desidratação, sensibilidade local à palpação, anorexia e perda de peso ou ainda podem ser assintomáticos (SANTOS et al., 2011).

O diagnóstico é realizado através do exame clínico, achados laboratoriais, exames de imagem e biópsia renal (Ferreira; Socha, 2010). A ultrassonografia é o método mais utilizado devido a alta sensibilidade e especificidade. Outro método de diagnóstico precoce é o teste de reação em cadeia polimerase (PCR), o qual, com amostras de swabs de mucosa oral ou sangue com EDTA, detecta o gene PKD1 no DNA do animal (Helps; Tasker; Harley, 2007). O diagnóstico precoce é de extrema importância para evitar a disseminação da doença através da reprodução, já que é uma desordem genética (Guerra et al., 2018).

Não há tratamento específico para a doença e, os felinos acometidos devem receber abordagem terapêutica para doença renal crônica (Feldhahn, 1995). O prognóstico, geralmente, é reservado e depende do estágio da evolução da doença renal e da resposta e continuidade do tratamento inicial (Norsworthy, 2004).

Existem poucos dados disponíveis sobre a prevalência da DRP em gatos no Brasil, mas os dados existentes apontam para prevalência menor do que em outros países, ficando em torno de 5,03% para raça Persa e de 1,6% para raças relacionadas (Guerra et al., 2021). Devido a importância da afecção e da possibilidade de transmissão via reprodução, o presente trabalho teve como objetivo relatar um caso de doença renal policística em um felino da raça Persa.

2. METODOLOGIA

Foi atendido em uma clínica veterinária um felino, macho, da raça Persa, não castrado, pesando 4kg, com seis anos de idade. Durante a anamnese, o tutor relatou disúria e alterações comportamentais recentes após episódio de mudança,

como esconder-se sob os móveis. Além disso, o tutor relatou que realizou a troca abrupta de ração, o animal em questão não convivia com outros animais e fora adquirido de um gatil especializado na criação de gatos persas.

Durante o exame físico, o animal apresentava-se alerta, normohidratado, com mucosas róseas, temperatura retal de 38,1°C, frequência cardíaca e respiratória dentro dos parâmetros fisiológicos para a espécie. Não foi evidenciada dor durante a palpação da bexiga ou quaisquer outras alterações durante o exame físico geral. Dessa forma, foram solicitados a realização de exames complementares como ultrassonografia abdominal, hemograma, bioquímicos (perfil renal e hepático), e urinálise. Em relação aos exames de sangue e urinálise, os tutores optaram por não realizá-los inicialmente.

Tendo em vista a anamnese, achados clínicos no exame físico e exame complementar realizado, que evidenciou cistos em ambos os rins, o felino recebeu o diagnóstico presuntivo de rins policísticos, não excluindo a possibilidade de uma cistite bacteriana ou inflamatória, porém necessitando de mais exames complementares para elucidação total do caso clínico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na ultrassonografia abdominal foram evidenciados cistos em ambos os rins, aumento da espessura da parede da bexiga e presença de sedimentos. O método diagnóstico mais comumente utilizado na detecção de DRP é a ultrassonografia, que identifica facilmente a presença de cistos renais, entretanto, não se exclui a necessidade da realização de outros exames complementares como: radiografias renais, urografia excretora, hemograma completo, perfil bioquímico sérico, urinálise, histopatológico e análise do fluido cístico, para avaliar a função e aspecto renal (BILLER, 2002 apud MARTINHO, 2009). A ultrassonografia abdominal apresenta como vantagem ser uma técnica não invasiva e que permite identificação precoce de cistos renais, antes mesmo do desenvolvimento de insuficiência renal, por isso salienta-se a importância da realização de ultrassonografia abdominal em exames periódicos em felinos (BILLER et al., 1996).

A doença renal policística é uma enfermidade de caráter hereditário congênita autossômica dominante, relacionada a mutações em um ou mais genes (PKD-1 e/ou PKD-2), a alteração da proteína policistina-1 e policistina-2 (NEWMAN; CONFER; PANCIERA, 2009). A principal raça acometida é a Persa, podendo aparecer também em animais mestiços oriundos do cruzamento com Persa (CORDADELLAS, 2012), o que está de acordo com o caso acompanhado, onde o gato era da raça persa.

Segundo Santos et al. (2011), os animais que apresentam rins policísticos podem ser assintomáticos ou apresentar sinais clínicos compatíveis com insuficiência renal como poliúria, polidipsia, sensibilidade a palpação dos flancos, desidratação, anorexia e perda de peso, o animal acometido pela doença no presente relato não apresentou os sinais clínicos comumente encontrados, caracterizando-se como um paciente assintomático. Entretanto, segundo Martinho (2009), o início do aparecimento e a duração dos sinais clínicos podem variar de acordo com o crescimento dos cistos e a compressão do parênquima, o que varia consideravelmente de gato para gato, justificando as informações encontradas no relato.

Alguns exames laboratoriais permitem a detecção de forma precoce de lesões presentes nos rins, que aliados à exames mais sensíveis que permitem detecção de alterações na função renal, são ferramentas essenciais para o sucesso

na estabilização e no tratamento da enfermidade, já que permitem a identificação das alterações antes mesmo do aparecimento dos sinais clínicos (POLZIN et al., 2007). Entretanto, no caso relatado não foi possível avaliar a função renal através de exames hematológicos, já que os tutores optaram por não realizar os mesmos.

O paciente retornou para casa com prescrição de manejo alimentar por um mês e orientações a respeito de trocas gradativas na alimentação, bem como indicação de rações de manutenção super premium para sua faixa etária. Ainda, foi prescrito manejo hídrico, de forma a aumentar a ingestão de água pelo gato, com recomendações de maior número de potes de água pela casa e seu posicionamento correto, uso de fontes de água, entre outros. Como terapia medicamentosa foi instituído meloxicam (0,05mg/kg, via oral, uma vez ao dia) e dipirona 25mg/kg, via oral, duas vezes ao dia, durante três dias. Os tutores foram orientados a respeito do manejo adequado com a espécie nas diferentes situações cotidianas, de forma a reduzir o estresse e evitar agravamento ou surgimento de novos quadros. Foi sugerido ao tutor que retornasse à clínica em uma semana para a realização de exames de sangue, acompanhamento ultrassonográfico da bexiga e o direcionamento quanto ao quadro de rins policísticos. Por se tratar de uma doença irreversível, o tratamento objetiva controlar os sinais clínicos e a progressão da doença a fim de garantir melhor qualidade de vida ao paciente (SILVA et al., 2009), sendo assim a partir do diagnóstico, é imprescindível que seja feito o monitoramento através de exames complementares, de modo atingir os principais objetivos citados anteriormente.

4. CONCLUSÕES

A doença renal policística tem prevalência ainda indefinida em gatos da raça persa no Brasil, sendo importante a vigilância constante e regular em animais de raças suscetíveis, a fim de detectar precocemente a afecção e implementar medidas de manejo e tratamento adequadas para garantir o bem-estar e qualidade de vida dos animais afetados. Sendo os exames complementares, principalmente, a ultrassonografia, essenciais para o diagnóstico, uma vez que os animais acometidos possuem sinais clínicos inespecíficos ou são assintomáticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILLER, D. S. et al. Inheritance of polycystic kidney disease in Persian cats. **The journal of heredity**, v. 87, n. 1, p. 1–5, 1996.

CARVALHO, L. L. et al. Doença Renal Policística em gata mestiça Persa - Relato de Caso. **REDVET. Revista Electrónica de Veterinaria**, v. 18, p. 1–7, 2017.

CORDADELLAS, O. Manual de Nefrologia e Urologia Clínica canina e felina. **MedVet**, 2012.

FELDAHAHN, J. Polycystic kidney disease in a Persian cat. **Australian Veterinary Practice**, v. 25, p. 176–178, 1995.

FERREIRA, G. S.; SOCHA, J. J. M. Atualização em doença renal policística felina. **Acta Veterinária Brasílica**, v. 4, n. 4, p. 227-232, 2010.

GUERRA, J. M. Age-based ultrasonographic criteria for diagnosis of autosomal dominant polycystic kidney disease in Persian cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, p. 156–164, 2018.

GUERRA, J. M. et al. Prevalence of autosomal dominant polycystic kidney disease in Persian and Persian-related cats in Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 81, n. 2, p. 392–397, 2021.

HELPS, C.; TASKER, S.; HARLEY, R. Correlation of the feline PKD1 genetic mutation with cases of PKD diagnosed by pathological examination. **Experimental and molecular pathology**, v. 83, n. 2, p. 264–268, 2007.

MARTINHO, A. P. V. **Diagnóstico e tratamento de doença policística renal em gatos**. Universidade Estadual Paulista, 2009.

NEWMAN, S. J.; CONFER, A. W.; PANCIERA, R. J. Sistema urinário. Em: **Bases da Patologia em Veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier. p. 613–691, 2009.

NORSWORTHY, G. D. Doença renal policística. Em: **O Paciente Felino**. São Paulo: Manole. p. 480–483, 2004.

POLZIN, D. J. 11 Guidelines for conservatively treating chronic kidney disease. **Veterinary Medicine**, p. 788–799, 2007.

SANTOS, S. P. et al. Doença renal policística em felino persa - Relato de caso. Em: **Anais do 38º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária**, 2011.

SILVA, L.J., & MONTEIRO, R.C.P. Doença Renal Policística em Felinos: Revisão de Literatura. **Uniciências**, v.19, n. 2, p. 181-185, 2016.

SILVA, M. F. O. et al. Doença renal policística felina: Relato de caso. **Anais de Eventos UFRPE**, 2009.